

Diferentes abordagens acerca do fenômeno humorístico

Leonardo Cezar Silva Costa

NUSP: 12084091

1. Introdução

Definir humor não é uma tarefa trivial, dada a complexidade desse fenômeno que abrange uma variedade de expressões relacionadas ao riso, como piadas, sátiras e ridicularização (Martin et al., 2003).

Tradicionalmente, o humor é investigado a partir de uma abordagem cognitivista, que o considera unicamente como um processo mental, criado a partir do cérebro do indivíduo e totalmente a parte do ambiente em que esse indivíduo interage. Outra abordagem, chamada humor interacional, se baseia nos conceitos da psicologia ecológica, e coloca o humor como emergente a partir da interação entre indivíduos e sendo contextual a essa interação. Essas abordagens ao meu ver não são necessariamente excludentes, apenas tratam de diferentes formas humorísticas. Esse ensaio tem como objetivo explorar a complexidade e a dinamicidade do fenômeno humorístico, discutindo como ele pode abarcar diferentes significados dependendo da abordagem adotada, mas demonstrar que nem sempre essas abordagens são contrárias entre si, tratando apenas de diferentes aspectos do tema.

1.1 Abordagem tradicional

Gamble (2001) propõe que o humor, em termos gerais, seja entendido como um processo mental que envolve o reconhecimento de uma discrepância entre a experiência prévia de um indivíduo com um estímulo específico e sua experiência atual com um estímulo semelhante. Essa incongruência, frequentemente relacionada à introdução de elementos inesperados, é considerada um fator comum em diferentes definições de humor (McGhee, 1979).

Outra característica fundamental do humor nessa perspectiva é que sua compreensão requer que o receptor identifique a incongruência com a realidade, idealmente em um contexto não ameaçador, para que a situação seja percebida como engraçada (Suls, 1983). Assim, o humor pode ser entendido como um mecanismo que quebra padrões preestabelecidos e subverte expectativas.

É importante distinguir o "humor" como um fenômeno relacionado, mas separado de "senso de humor", que se refere a um humor mais duradouro, como um traço de personalidade (Martin et al., 2003). O senso de humor envolve padrões consistentes de comportamento, incluindo a tendência de gerar humor com frequência através de piadas, uma apreciação estética de certos tipos de humor em detrimento de outros, uma visão de mundo sob uma perspectiva divertida, ou ainda, a utilização do humor como uma estratégia de enfrentamento, promovendo uma visão positiva diante de diversas situações.

Por outro lado, essa visão cérebro-centrada do humor, baseada em piadas planejadas, o considera como uma característica de grande complexidade e pode não refletir todas as formas desse fenômeno.

1.2 Humor interacional

Uma abordagem mais contemporânea, denominada "humor interacional", tem surgido em pesquisas mais recentes. Essa visão se alinha mais aos conceitos discutidos em sala de aula, ao tratar o humor como um fenômeno espontâneo, que emerge a partir das interações entre indivíduos (Hay, 2000). Diferentemente das formas tradicionais, o humor interacional não necessariamente envolve piadas ou outras formas humorísticas planejadas. Mais importante ainda, ele não é criado por um único orador, mas sim co-criado pelos participantes da interação (Jensen, 2018).

Essa abordagem está muito relacionada ao conceito de "affordances" da psicologia ecológica, já que diz respeito ao que o ambiente (incluindo os sistemas em interação) permite

para a criação de situações humorísticas e como a partir da ação humorística, os affordances podem se alterar, em um ciclo de percepção-ação (Lockman, 2000; Von Hofsten, 2009; Adolph & Kretch, 2015). Ao adotar essa visão, retiramos a necessidade de uma cognição muito elaborada, complexa e situada para a produção do humor, e passamos a considerar a cognição corporeada e distribuída no ambiente. Essa mudança de paradigma pode fornecer insights interessantes sobre a natureza desse fenômeno e sua função nas interações sociais não apenas em humanos, mas também em outras espécies (Flynn, et al., 2013; Resende, 2019). Entretanto, pesquisas focadas nesta abordagem para o humor ainda são escassas.

É importante esclarecer que não necessariamente essas duas visões são mutuamente excludentes, apenas tratam de diferentes formas do mesmo processo, uma focada em aspectos mais complexos e planejados, enquanto a outra é mais abrangente, englobando as manifestações espontâneas das interações humorísticas.

2. Evolução do humor

Ao considerarmos a vasta gama de características que definem a experiência humana, o humor emerge como um dos fenômenos mais intrigantes e universais. No entanto, a questão fundamental que permanece é: por que os seres humanos desenvolveram um senso de humor? Para responder a essa pergunta, é essencial explorar a evolução do humor e sua função adaptativa ao longo da história da espécie humana.

São escassas as características que podemos considerar como universais na espécie humana, e o humor emerge como um dos mais proeminentes candidatos a integrar esse seleto grupo. Ao contemplarmos sua ampla distribuição em diferentes populações, somos levados a indagar sobre a função desse traço para a sobrevivência e/ou reprodução dos sistemas. Contudo, a evolução do humor permanece um tema em aberto na comunidade científica,

suscitando debates e distintas hipóteses que procuram elucidar sua história evolutiva (Weisfeld, 1993; Storey, 2003; Gervais & Wilson, 2005).

A teoria das aptidões mentais, corroborando ideias previamente discutidas por Charles Darwin, sustenta que, tal qual características físicas, traços psicológicos destituídos de uma função evidente na sobrevivência desempenham um papel relevante na seleção sexual. Estes traços psicológicos influenciam as preferências de parceiros e exercem um impacto significativo no sucesso reprodutivo (Miller, 1998; 2000).

Segundo Miller, muitos desses traços psicológicos atuam como sinais honestos de outras características altamente valorizadas na seleção de parceiros, como a inteligência. Tais atributos psicológicos englobam uma ampla variedade de traços, incluindo a criatividade, habilidades artísticas, musicalidade e, de particular interesse neste ensaio, o humor.

Entretanto, outra vertente teórica atribui um valor adaptativo intrínseco ao humor. Weisfeld (1993) destaca a presença universal do humor, brincadeira e riso na espécie humana, ressaltando uma possível conexão evolutiva entre esses atributos. Ele propõe que a brincadeira social pode ser precursora desses comportamentos, sendo um traço compartilhado por diversas espécies. Além disso, enfatiza a importância do riso, que desempenha o papel de expressar alegria já nas fases iniciais do desenvolvimento. Van Hooff e Preuschoft (2003) associam evolutivamente o riso humano com a chamada "play face", uma expressão facial característica em diversas espécies durante a brincadeira. Essa expressão facial envolve uma ampla abertura da boca, com os cantos da boca ligeiramente retraídos, enquanto os lábios podem ou não cobrir os dentes. É acompanhada por movimentos faciais e uma postura corporal relaxada, juntamente com vocalizações amigáveis (Weisfeld, 1993; Van Hooff & Preuschoft, 2003; Ross, Owren & Zimmermann, 2009).

Nessa perspectiva, o humor, assim como a brincadeira social, emerge como um traço que teria evoluído primordialmente para promover a coesão de grupos humanos ancestrais e

estabelecer laços sociais sólidos. A capacidade de provocar risos e compartilhar momentos humorísticos teria sido uma ferramenta essencial na formação e manutenção de comunidades cooperativas, uma vez que o riso frequentemente quebra barreiras sociais e cria uma sensação de pertencimento. Essas descobertas ressaltam a importância do riso, da brincadeira e do humor na comunicação, revelando conexões evolutivas profundas entre essas habilidades e nossa aptidão em buscar ativamente interações sociais.

Porém, é válido destacar que, embora uma característica possa apresentar uma função adaptativa a nível populacional, ela não se dá de forma passiva no indivíduo. Sendo inerentemente uma característica social, as interações sociais e a aprendizagem são cruciais para o desenvolvimento desse atributo.

3. O humor ao longo do desenvolvimento inicial em humanos

A compreensão do surgimento e desenvolvimento inicial das interações humorísticas em crianças tem sido objeto de estudo limitado. Uma das abordagens mais proeminentes é proposta por McGhee (1979), baseada na perspectiva piagetiana, que estabelece etapas para tentar compreender esse fenômeno (Bariaud, 1989; Venkatesan, 2022a; Venkatesan, 2022b). De acordo com essa visão, os primeiros indícios de humor podem emergir por volta dos 12 aos 18 meses de idade, um período crucial em que as crianças estão em processo de desenvolvimento da capacidade de pensamento simbólico e imaginação (McGhee, 1979). Essas habilidades permitem que os indivíduos representem mentalmente objetos, pessoas ou eventos com os quais tiveram experiência prévia (Bariaud, 1989).

Antes dessa fase, há uma forma rudimentar de humor, na qual os bebês raramente reagem a qualquer forma de galhofa. Em vez disso, brincadeiras simples realizadas pela figura de apego, como perseguir ou fazer cócegas, costumam ser fontes de riso para os bebês,

enquanto eles também tendem a imitar comportamentos humorísticos simples (Honig, 1988; Lavelli & Fogel, 2005; Hoicka & Akhtar, 2012).

Com a aquisição da linguagem, geralmente por volta dos dois anos de idade, as crianças começam a revelar um tipo diferente de humor. Elas demonstram propensão a rir diante de situações que envolvem nomeações equivocadas de objetos, por exemplo. Essa incongruência entre a palavra dita e o objeto referenciado desperta reações humorísticas para crianças nessa faixa etária (Bariaud, 1989).

O desenvolvimento do senso de humor ocorre em etapas, com o passar do tempo a criança passa a entender metáforas, ironias e outras formas de humor, e esse desenvolvimento inicial estende-se até a adolescência (Bariaud, 1989). É somente nessa fase que o senso de humor começa a se assemelhar ao que observamos nos adultos, e mesmo então, ele ainda está sujeito a mudanças. Isso evidencia o longo percurso que essa característica percorre antes de amadurecer completamente.

Entretanto, é importante salientar que, embora existam estágios que apresentam semelhanças aos descritos por Piaget, a progressão do humor infantil não é tão rígida quanto se acreditava anteriormente. As etapas do desenvolvimento do humor podem variar consideravelmente entre as crianças, especialmente caso elas cresçam em um ambiente que experiencie muitas experiências humorísticas, refletindo uma gama diversificada de influências contextuais, experiências individuais e fatores psicossociais, como demonstrado em Hoicka et al. (2008), com o papel da exposição de livros humorísticos na infância, e por Recchia et al. (2010), que evidenciou como o núcleo familiar tem um peso no desenvolvimento do entendimento de ironia, capacidade muito ligada ao humor.

Entre as influências contextuais e individuais que moldam o desenvolvimento do humor, o gênero desempenha um papel significativo. A forma como um indivíduo é percebido pelos pares com base em seu gênero pode influenciar profundamente como ele usa

e percebe o humor ao longo da vida. No próximo tópico, investigaremos mais de perto as variações no uso de humor entre homens e mulheres, especialmente no contexto romântico.

4. Diferenças entre gêneros na utilização de humor

Nos últimos anos, um grande número de estudos têm se dedicado à investigação do papel do humor entre potenciais parceiros românticos, especialmente em contexto heterossexual (De Koning & Weiss, 2002; Bressler & Balshine, 2006; Bressler, Martin & Balshine, 2006; Lippa, 2007; Greengross & Miller, 2011; Wilbur & Campbell, 2011; Hone, Hurwitz & Lieberman, 2015; Hall, 2017; Fredriksson & Groundstroem, 2020; Brown, Brown & Buckner, 2023). Essas pesquisas sugerem diferenças significativas entre os gêneros, na qual os homens tendem a preferir mulheres que sejam receptivas ao seu humor. Em contrapartida, as mulheres exibiram uma valorização equiparável tanto da apreciação quanto da produção de humor por parte dos homens. Contudo, quando compelidas a fazer uma escolha, tendem a favorecer a produção de humor em diversos contextos de relacionamento (Bressler, Martin & Balshine, 2006; Wilbur & Campbell, 2011). De modo geral, níveis mais altos de produção de humor são encontrados nos homens, enquanto as mulheres demonstram maior apreciação pelo humor.

Wilbur & Campbell (2011), atribuem essas diferenças a fatores evolutivos. De maneira semelhante à teoria proposta por Miller (2000), eles sugerem que a habilidade dos homens em produzir humor é percebida pelas mulheres como um sinal de outras características atraentes, como inteligência e afetuosidade. Nesse contexto, a explicação para os níveis mais distais de produção de humor masculino se baseia na competição intrasexual mais acentuada entre os homens. Enquanto as mulheres, geralmente mais seletivas, estariam

sujeitas a uma pressão seletiva que favorece o desenvolvimento da apreciação de humor (Greengross et al., 2020).

Por outro lado, Greengross et al. (2020) ressalta em seu estudo fatores sociais como influências significativas para os resultados encontrados da suposta maior habilidade de produção de humor dos homens. Os pesquisadores destacam o papel da cultura na formação de estereótipos que sugerem que os homens são mais engraçados do que as mulheres. Nesse sentido, a teoria de papéis sociais oferece uma base sólida para compreender como as normas sociais moldam o comportamento e as interações das pessoas em uma sociedade, através dos scripts culturais (Ridgeway, 2001; Goddard & Wierzbicka, 2004). Em diversas sociedades ocidentais, as diferenças de poder e recursos entre homens e mulheres muitas vezes levam a papéis assimétricos de gênero, com os homens adotando comportamentos mais dominantes e ativos do que as mulheres, devido à sua posição socialmente mais favorecida (Ridgeway, 2001; Goddard & Wierzbicka, 2004; Greengross et al., 2020).

Além disso, Eaton & Rose (2011) conduziram uma revisão abrangente que avaliou 35 anos de pesquisa sobre encontros românticos, e relataram que até recentemente havia uma forte influência de scripts culturais, sobretudo envolvendo casais heterossexuais durante encontros iniciais. Ao interagir com indivíduos recém-conhecidos, é comum seguir esses padrões culturais pré definidos na busca por causar uma impressão favorável. Esses mesmos padrões provavelmente se estendem ao domínio do humor, onde, em muitos casos, as mulheres podem sentir-se menos inclinadas a produzir humor substancial durante os estágios iniciais de um relacionamento, enquanto os homens se sentem mais propensos a fazê-lo (Hall, 2015).

Recentemente, abordagens mais modernas sobre o humor, que o consideram um fenômeno multidimensional, culturalmente situado e não uniforme, tornaram essas conexões entre senso de humor e gêneros mais ambíguas. Existem vários limitantes sociais que

dificultam para as mulheres a produção de humor no contexto romântico heterossexual. Além disso, por se tratar de um fenômeno social que envolve um nível elevado de espontaneidade, experimentos muito manipulados e controlados podem não refletir bem a realidade, e as mulheres podem ser prejudicadas nesse estilo de humor planejado, geralmente o alvo estudado. Cada vez mais, consideramos o humor como universal, mas variável de acordo com as normas sociais da população, o que reflete a necessidade de pesquisa fora dos países denominados WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich and Democratic) (T. Jiang; Li & Hou, 2019).

5. Conclusão

O humor desempenha hoje um papel adaptativo intrínseco, evidenciado por sua presença universal em diversas populações humanas e entre todos os indivíduos. Essa presença, contudo, não se dá de forma automática e pronta, sendo necessárias diferentes rotas de desenvolvimento para que ele se expresse de maneira adequada. O humor é, portanto, um fenômeno complexo, multidimensional e culturalmente situado, que pode ou não se tratar de um processamento cognitivo complexo, pode ou não se tratar de comportamentos exibidos já no nascimento (o que não significa que não foi desenvolvido em algum momento durante a ontogenia), pode ou não emergir de maneira espontânea nas interações, entre outras características que podem ou não estarem presentes, variando conforme o contexto social e cultural.

Essas diferentes características do fenômeno humorístico nem sempre vêm sendo investigadas de forma conjunta nas diferentes áreas do conhecimento. Reconhecer e explorar essa complexidade nos permite ter uma visão mais holística e completa do fenômeno, que pode ser um caminho frutífero para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- Adolph & Kretch (2015). Gibson's Theory of Perceptual Learning. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2nd edition, Volume 10. doi:10.1016/B978-0-08-097086-8.23096-1
- Bariaud, Francoise (1989). Chapter 1: Age Differences in Children's Humor. *Journal of Children in Contemporary Society*, 20(1-2), 15–45. doi:10.1300/J274v20n01_03
- Bressler, E. R., & Balshine, S. (2006). The influence of humor on desirability. *Evolution and Human Behavior*, 27(1), 29–39. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2005.06.002>
- Bressler, E. R., Martin, R. A., & Balshine, S. (2006). Production and appreciation of humor as sexually selected traits. *Evolution and Human Behavior*, 27(2), 121–130. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2005.09.001>
- Brown, M., Brown, M. R., & Buckner, Z. (2023). Whither the silly goose: Clarifying women's preference for men's successful humor displays across mating contexts and social affordance judgments. *Evolutionary Behavioral Sciences*. Advance online <https://doi.org/10.1037/ebs0000338>
- de Koning, E., & Weiss, R. L. (2002). The Relational Humor Inventory: Functions of humor in close relationships. *American Journal of Family Therapy*, 30(1), 1–18. <https://doi.org/10.1080/019261802753455615>
- Eaton, A. A., & Rose, S. (2011). Has dating become more egalitarian? A 35 year review using Sex Roles. *Sex roles*, 64(11-12), 843-862. doi:<https://doi.org/10.1007/s11199-011-9957-9>
- Fedakar, S. (2020). An evaluation of the classification of humor theories. *Milli Folklor*, 16(126), 52-62.
- Flynn, E., Laland, K., Kendal, R., Kendal, J. (2013). Developmental niche construction. *Developmental Science* 16:2, pp 296–313 <https://doi.org/10.1111/desc.12030>
- Fredriksson, A., & Henrik, G. (2020). The effect of humor styles on mate value and preferences in an online experiment (Dissertation). Retrieved from <https://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:umu:diva-171463>
- Gamble, J. (2001). Humor in apes. *Humor – International Journal of Humor Research*, 14(2). doi:10.1515/humr.14.2.163
- Gervais, M., & Wilson, D. S. (2005). The evolution and functions of laughter and humor: a synthetic approach. *The Quarterly Review of Biology*, 80(4), 395–430. doi:10.1086/498281
- Goddard, C., & Wierzbicka, A. (2004). Cultural scripts: What are they and what are they good for? *Intercultural pragmatics*, 1(2), 153-166. doi:<https://doi.org/10.1515/iprg.2004.1.2.153>
- Greengross, G., & Miller, G. (2011). Humor ability reveals intelligence, predicts mating success, and is higher in males. *Intelligence*, 39(4), 188–192. <https://doi.org/10.1016/j.intell.2011.03.006>
- Greengross, G., Silvia, P. J., & Nusbaum, E. C. (2020). Sex differences in humor production ability: A meta-analysis. *Journal of Research in Personality*. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2019.103886>

- Hall, J. A. (2015). Sexual Selection and Humor in Courtship. *Evolutionary Psychology*, 13(3). doi:10.1177/1474704915598918
- Hall, J. A. (2017). Humor in romantic relationships: A meta-analysis. *Personal Relationships*, 24(2), 306–322. doi:10.1111/per.12183
- Hay J. (2000). Functions of humor in the conversations of men and women. *Journal of Pragmatics* 32(6), 0–742. doi:10.1016/s0378-2166(99)00069-7
- Hoicka E., Akhtar N. (2012). Early humour production. *Br J Dev Psychol.* (Pt 4):586-603. doi:10.1111/j.2044-835X.2011.02075.x.
- Hoicka, E., Jutsum, S., & Gattis, M. (2008). Humor, abstraction, and disbelief. *Cognitive Science*, 32(6), 985-1002. <https://doi.org/10.1080/03640210801981841>
- Hone, L. S., Hurwitz, W., & Lieberman, D. (2015). Sex differences in preferences for humor: a replication, modification, and extension. *Evolutionary psychology: an international journal of evolutionary approaches to psychology and behavior*, 13(1), 167–181. <https://doi.org/10.1177/147470491501300110>
- Honig, Alice Sterling 1988. Humor Development in Children. *Young Children*, Vol. 43, No. 4, pp. 60–73. Available at <https://www.jstor.org/stable/42726102>
- Jensen, T. W. (2018). Humor as interactional affordances: An ecological perspective on humor in social interaction. *Psychology of Language and Communication*, 22(1), 238–259. <https://doi.org/10.2478/plc-2018-0010>
- Jiang T., Li H. & Hou Y. (2019). Cultural Differences in Humor Perception, Usage, and Implications. *Front Psychol.* doi: 10.3389/fpsyg.2019.00123.
- Lavelli M, Fogel A. (2005). Developmental changes in the relationship between the infant's attention and emotion during early face-to-face communication: the 2-month transition. *Dev Psychol.*; 41(1):265-80. doi: 10.1037/0012-1649.41.1.265.
- Lippa, R. A. (2007). The Preferred Traits of Mates in a Cross-National Study of Heterosexual and Homosexual Men and Women: An Examination of Biological and Cultural Influences. *Archives of Sexual Behavior*, 36(2), 193–208. doi:10.1007/s10508-006-9151-2
- Lockman, J. J. (2000). A perception-action perspective on tool use development. *Child Development*, 71(1), 137-144. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00127>
- Martin, R. A., Puhlik-Doris, P., Larsen, G., Gray, J., & Weir, K. (2003). Individual differences in uses of humor and their relation to psychological well-being: Development of the Humor Styles Questionnaire. *Journal of Research in Personality*, 37(1), 48–75. doi:10.1016/s0092-6566(02)00534-2
- McGhee, P. E. (1979). Humor: Its Origin and Development. *San Francisco: W. H. Freeman and Co.*
- Miller, G. F. (1998). How mate choice shaped human nature: A review of sexual selection and human evolution. In C. B. Crawford & D. Krebs (Eds.), *Handbook of Evolutionary Psychology: Ideas, Issues, and Applications*. 87-130. Lawrence Erlbaum Associates.
- Miller, G. F. (2000). The mating mind: How sexual choice shaped the evolution of human

nature. *Doubleday*.

Recchia H. E., Howe N., Ross H. S. & Alexander S. (2010) Children's understanding and production of verbal irony in family conversations. *Br J Dev Psychol.* (Pt 2):255-74. doi:10.1348/026151008x401903. PMID: 20481387.

Resende, B. D. (2019). Etologia, cognição e sistemas em desenvolvimento. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2019.tde-12062020-225803

Ridgeway, C. L. (2001). Small-group Interaction and Gender. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 14185–14189. doi:10.1016/b0-08-043076-7/03999-1

Ross, D. M., Owren, J. M., & Zimmermann, E. (2009). Reconstructing the Evolution of Laughter in Great Apes and Humans. *Current Biology*, 19(13), 1106–1111. doi:10.1016/j.cub.2009.05.028

Storey, R. (2003). Humor and sexual selection. *Hum Nat* 14, 319–336. <https://doi.org/10.1007/s12110-003-1009-x>

Suls, J. (1983). Cognitive Processes in Humor Appreciation. *Handbook of Humor Research*, 39–57. doi:10.1007/978-1-4612-5572-7_3

Van Hooff, J. A., & Preuschoft, S. (2003). Laughter and smiling: The intertwining of nature and culture. In F. B. M. de Waal & P. L. Tyack (Eds.), *Animal social complexity: Intelligence, culture, and individualized societies*. 260-287. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Venkatesan, S. (2022a). Developmental trajectory of humor and laughter in children. *World Journal of Advanced Research and Reviews*, 15(02):217-224 doi:10.30574/wjarr.2022.15.2.0810

Venkatesan S. (2022b). A short compilation on theories of humor and laughter. *Paripex, Indian Journal of Research*, 11(8): 1-3. doi: 10.36106/paripex/3008409

Von Hofsten, C. (2009). Action, the foundation for cognitive development. *Scandinavian Journal of Psychology*; 50(6), 617-23. 10.1111/j.1467-9450.2009.00780.x

Weisfeld, G. E. (1993). The adaptive value of humor and laughter. *Ethology and Sociobiology*, 14(2), 141–169. doi:10.1016/0162-3095(93)90012-7

Wilbur, C. J., & Campbell, L. (2011). Humor in Romantic Contexts: Do Men Participate and Women Evaluate? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(7), 918–929. doi:10.1177/0146167211405343

AUTOAVALIAÇÃO

Eu sinto que cumpri satisfatoriamente todas as atividades propostas na disciplina e consegui absorver muitos conceitos nas discussões.

Por outro lado, reconheço que poderia ter participado mais ativamente dessas discussões em sala, conforme sugerido por você. Além disso, tenho dúvidas se meu trabalho final possui a argumentação e opinião esperadas em um ensaio acadêmico, já que este não é um estilo de texto com o qual havia tido muita experiência até este semestre.

O fato de estar sobrecarregado com o acúmulo de disciplinas também dificultou a leitura dos textos opcionais, muitos foram apresentados pelos colegas, mas outros ficaram de fora. Por outro lado, muitos textos lidos na matéria da Pat e da Miriam dialogaram bastante com o que foi discutido nas nossas aulas, o que tornou a experiência positiva.

Considerando que a maior parte dos aspectos negativos levantados (com exceção da crítica ao meu trabalho final) entram mais no conceito de aproveitamento da disciplina do que uma forma mais objetiva de avaliação, eu me daria uma nota B.